

Folkmídia e cultura indígena Xerente: uma análise do agendamento midiático do Dasípe¹

Verônica Dantas MENESES²
Edvaldo Sullivan XERENTE³

Resumo

O trabalho analisa a representação da Cultura Xerente a partir da perspectiva dos estudos folkmediáticos e dos princípios do agendamento midiático. Toma como *corpus* série de reportagens sobre o Dasípe, cerimônia tradicional de nomeação de crianças Xerente, divulgadas no decorrer da realização dos Jogos Mundiais Indígenas, em 2015, na cidade de Palmas, Tocantins. Por meio da análise audiovisual da reportagem e da pesquisa etnográfica, identifica que a mídia apropria-se das identidades locais e das culturas tradicionais por meio da difusão de conteúdos audiovisuais com recursos sensoriais, atrativos e otimistas, e que o agendamento midiático propicia mudanças nas abordagens destas culturas que, embora agrade as comunidades retratadas, nem sempre aborda aspectos peculiares destas manifestações.

Palavras-chave: Folkmídia; Agendamento midiático; Cultura Xerente; Dasípe.

Introdução

Apesar do contato crescente com a sociedade que os cerca, os Xerente ainda preservam e praticam os costumes tradicionais que herdaram dos seus antepassados para não perder a sua identidade. Neste processo de reprodução, articulam-se os conhecimentos adquiridos com as comunidades vizinhas, a necessária interação com os avanços tecnológicos que contribuem para a melhoria de vida na aldeia ou para a sua comunicação com outros povos, e a preservação dos símbolos que reforçam o pertencimento. Nesse ínterim, estão as relações que as comunidades indígenas desenvolvem com a mídia, quer pela própria produção de registros audiovisuais, sites, apresentações festivas, quer a partir da exploração de sua cultura e de duas histórias pela mídia.

Dentre as principais manifestações culturais praticadas com frequência pelos Xerente está a festa tradicional de nominação de crianças (dasípe). O “batizado”

¹ Trabalho apresentado no GP GP Folkcomunicação, Mídia e Interculturalidade, do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora dos cursos de Jornalismo e Mestrado em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins, e-mail: veronica@uft.edu.br.

³ Graduado em Comunicação Social/Jornalismo pela UFT, e-mail: edvaldoxerente@gmail.com.

Xerente se constitui em uma festividade de relevância dentro das Terras Indígenas Xerente e Funil, ambas reservas indígenas do povo Xerente, territórios localizados a cerca de 70 km da capital do Tocantins, Palmas, no município de Tocantínia. *Dasîpe*⁴ é um evento que a etnia Akwê-Xerente⁵ realiza para dar nomes às crianças que ainda não possuem o nome da tribo, e que agrega diversos elementos tradicionais e rituais culturais. *Dasîpe* também tem atraído cada vez mais visitantes e foi objeto de grande reportagem da mídia televisiva local constituindo-se, assim, um objeto de estudo folkmediático.

As mudanças ocorridas no decorrer dos anos em função da socialização dos índios Xerente com a sociedade envolvente são motivo de preocupação para os mais conservadores, os anciãos da etnia. Entretanto, não há como fugir desta realidade e todo indivíduo, indígena ou não indígena, tem acesso de alguma forma a novos modelos de comunicação e de práticas culturais.

Neste contexto, surge a necessidade de entender como a celebração *Dasîpe* foi representada em uma reportagem produzida pela TV Anhanguera, Tocantins, exibida em 2015, como estas representações se alteram a partir das especificidades do fazer jornalístico televisivo e como a comunidade Xerente percebeu a visibilidade propiciada pela reportagem. O objeto de estudo foi uma reportagem produzida pela equipe de reportagem do Globo Esporte da TV Anhanguera/TO, que, dentre outros temas, abordou o *Dasîpe*, quando realizado na Aldeia Salto-Kipre. A produção teve como gancho, ou seja, teve o agendamento propiciado pela realização dos primeiros Jogos Mundiais dos Povos Indígenas (JMPI), em outubro de 2015, em Palmas.

A abordagem metodológica se deu em dois momentos: a) o método etnográfico teve o suporte da observação participante, uma vez que um dos autores é membro da etnia Xerente, e de uma entrevista com um jovem líder Xerente, que evidenciaram os repertórios simbólicos do *Dasîpe* e da Cultura Xerente; b) a análise do conteúdo audiovisual nos indicou os sistemas de produção e apropriação midiáticos. A análise é ancorada no viés teórico-metodológico da folkmídia, a partir da relação entre cultura e identidade Xerente e da apropriação do discurso desta cultura pela mídia.

O *corpus* da pesquisa foi o especial exibido em blocos transmitidos no dia 21 de setembro de 2015, nos telejornais diários Bom Dia TO, Jornal Anhanguera (JA) 1ª edição, JA 2ª edição, e no dia 10 de outubro de 2015 no Globo Esporte Local, com as

⁴ *Dasîpe* – festa para nomeação de crianças Xerente, de acordo com os costumes tradicionais da etnia.

⁵ Akwê-Xerente – autodenominação da etnia.

seguintes manchetes, respectivamente: “Conheça a história da etnia Xerente, participante dos JMPI⁶”, “Conheça a cerimônia do batismo dos homens do Povo Xerente⁷”, e “Conheça um pouco mais sobre o povo Xerente⁸”, e “Xerentes (*sic*) aprimoram técnicas para os JMPI sem esquecer cultura e costumes”⁹. As reportagens deram destaque para os costumes Xerente, para os esportes tradicionais da etnia e não-tradicionais que também são praticados por eles e, especialmente, para a festa de nomeação.

Com o agendamento dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas, Palmas lançou em 30/07 uma campanha publicitária como cidade sede, com o slogan “Agora somos todos indígenas”, que exaltou a integralização entre os povos. Esta análise da mídia torna-se ainda mais relevante uma vez que o território tocantinense abrange nove grupos indígenas compondo parte importante das terras indígenas reservadas no país, o que articula uma convivência rotineira entre indígenas e não indígenas. Nesta perspectiva, a Universidade Federal do Tocantins foi a primeira do Brasil a instituir o sistema de cotas para estudantes indígenas, primeiro na graduação, e, em 2017, também na pós-graduação *stricto sensu*.

Festa de nomeação Akwẽ-Xerente e folkmídia

Entendemos que uma das formas que a cultura indígena construiu para se posicionar diante da sociedade foi reforçar os seus rituais, especialmente aqueles mais carregados de repertórios simbólicos que definem a identidade do grupo. Assim, como explica Benjamim (2004, p. 28), foram construídos processos de sobrevivência da cultura indígena frente aos processos de globalização, quer como resistência cultural, quer como refuncionalização. “A refuncionalização ocorre quando algumas das manifestações perdem as suas funções originais, mas sobrevivem ao encontrar outra função”.

Estas mudanças nas culturas populares se dão no cotidiano. Uma destas é a visibilidade cada vez maior que as comunidades buscam dar aos seus eventos e manifestações, como forma de fortalecer os laços sociais e de pertencimento e como forma de obter o reconhecimento do resto da sociedade.

⁶ <http://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2015/09/conheca-historia-dos-xerente-um-dos-povos-participantes-dos-jmpi.html>

⁷ <http://g1.globo.com/to/tocantins/videos/v/conheca-a-cerimonia-do-batismo-dos-homens-do-povo-xerente/4483163/>

⁸ <http://g1.globo.com/to/tocantins/videos/v/conheca-um-pouco-mais-sobre-o-povo-xerente/4484117/>

⁹ <http://globoesporte.globo.com/to/noticia/2015/09/xerentes-aprimoram-tecnicas-para-os-jmpi-sem-esquecer-cultura-e-costumes.html>.

Neste contexto insere-se o resgate das identidades indígenas. No contraste entre a sociedade tradicional e moderna, percebemos que as culturas indígenas buscam se adequar às mudanças tecnológicas e à necessária inserção na sociedade envolvente, mas não perdendo e mesmo até reforçando suas identidades, demonstrando toda a dinâmica da cultura.

Benjamim (2000, p. 74) relata que o que permanece destas tradições tem sido objeto da preocupação de folcloristas, historiadores e arqueólogos e tomadas sempre como sobrevivência, pois “o que muda, muda sempre a partir do patrimônio anteriormente construído, que permanece em parte no novo”. O autor continua: “Em todas as sociedades aparecem os grupos de resistência que, conscientes ou não, têm conservado através dos tempos as tradições culturais invariantes, mesmo em situações limite, de que temos exemplo de sobra na nossa própria cultura”.

Neste processo, está a integração das comunidades indígenas com os sistemas de comunicação, quer com o próprio envolvimento das comunidades quer pela apropriação pela mídia de suas manifestações. Segundo Trigueiro (2008, p. 30), os estudos em comunicação não podem ser mais desenvolvidos sem a indissociabilidade da cultura da mídia e da cultura popular, pois “comunicação e cultura devem ser estudadas juntas, porque representam realidades muito próximas, são campos multidimensionais e integrativos”.

Na expressão e pensamento sobre o folclore, Barreto (2005) diz que nenhum “sociólogo, antropólogo, etnólogo, ou simplesmente folcloristas vai revelar os fenômenos culturais populares, se não conhece a formação do Brasil”. E um destes fenômenos é a Globalização. Conforme Marques de Melo (2008, p. 19-24) “a globalização permite deslumbrar o cenário de um mundo multiface e multicultural”.

Contudo, é comum uma abordagem descontextualizada quando falamos de identidades culturais, da representação do outro, das manifestações folclóricas, populares e tradicionais.

É dessa forma que a mídia funciona no Brasil, vez por outra aproveitando-se de um ou outro fato folclórico, sem qualquer compromisso didático, retirado do contexto vivencial de sua identidade, como se mais nada existisse ou devesse ser levado ao conhecimento do público. É uma relação desigual, desfavorecendo tudo aquilo que vem do povo, ou nele está mantido, como bem próprio, ou mesmo que seja emprestado, o qual já poderia requerer o “Uso capião”, para legitimar séculos e mais séculos de depositário fiel, fidelíssimo, da cultura da humanidade. Não há previsão, no horizonte próximo que faça reverter o quadro discriminador da mídia, em todas as suas linguagens, salvo

quando a força maior impõe a quebra da rotina (BARRETO, 2005, p. 113).

É preciso, contudo, relativizar esta observação pessimista, pois cada vez mais os grupos e comunidades se utilizam também da grande mídia para levar a cabo seus projetos dentro de todas as questões que envolvem a dicotomia tradição a mudança. O Dasípe é uma dessas manifestações vividas no cotidiano da cultura Xerente, povo que tem superado as dificuldades, se inserido na sociedade, mas mantendo sua identidade. O consumo de bens simbólicos e o envolvimento com a sociedade é prática das comunidades indígenas, entre eles a apropriação dos meios de comunicação. Mas nem sempre o que a mídia divulga sobre estas comunidades de fato se enquadra no seu cotidiano. E nesse processo, os próprios grupos étnicos buscam a mídia para atender sua demanda. Nessa nova perspectiva, Eurich (2010) faz uma reflexão sobre a mídia alternativa, em específico a etnomídia, como espaço privilegiado do debate de identidade, ideologia e cultura étnica.

Dasípe e cultura Xerente

Dasípe é um conjunto de atividades e ritos culturais indígenas, simplesmente conhecido pela sociedade não indígena como festa indígena Akwê-Xerente, com destaque para a nominação feminina e masculina. Não existe um calendário fixo para a realização desta manifestação cultural, a data é definida a partir de critérios como a presença de meninos e meninas ainda sem o nome da tribo e de condições financeiras para a realização do evento.

O tempo propício para a realização da festa são as estações não chuvosas na região, mas com as mudanças sociais nas comunidades, atualmente procura-se adequar com o calendário de férias escolares do mês de julho para que as crianças e os jovens possam se dedicar ao planejamento e participar das atividades culturais.

A duração de Dasípe é decidida pelo Conselho de anciões da aldeia anfitriã. O elemento central do evento é a nominação, ritual de colocar o nome indígena em crianças que ainda não foram batizadas de acordo com os costumes e tradições da etnia. Cabe salientar que estas crianças, em geral, já são registradas com nomes de acordo com a legislação brasileira. A nominação categoricamente ocorre em duas etapas: a) no primeiro momento, a partir do primeiro dia, acontecem os rituais de nominação feminina; b) no penúltimo dia é celebrado o batizado masculino.

O evento mobiliza comunidades de várias aldeias para participar dos rituais e práticas culturais, estabelecendo, assim, relações sociais entre os Xerente e mesmo com outros povos e demais comunidades externas.

Dentre os fatos sociais ritualizáveis na sociedade Xerente, a nomeação e suas formas mobilizam pessoas dotadas de diferentes papéis sociais e se inscrevem numa escala coletiva que articula alguns mecanismos socioculturais. A circunscrição dos rituais de nomeação articula e estabelece relações sociais entre aldeias que, sem esse influxo ritual, seguiriam linhas de atuação autônomas em relação às suas congêneres (REIS, 2001, p.72).

No intervalo entre a nomeação feminina e a masculina acontecem várias festividades, competições tradicionais e brincadeiras. A Associação Masculina (*dakrsu*) pode propor ainda a dança do *Padi* (tamanduá), ou mesmo a imposição de alguns nomes femininos que permitem sofisticação e *performance* extras.

Durante o *Dasîpe* são proibidas quaisquer outras práticas que não pertençam a cultura Akwê-Xerente, para não se desviar do objetivo central e garantir certa originalidade da cultura, que Schroeder (2006) entende como um rito de autorrepresentação:

Dasîsê é a forma eminente de se auto representar, há um conjunto de atividades rituais que se sucedem e se entrelaçam num curto espaço de tempo. Para afirmar um modo próprio de ser, recordar como era, para não esquecer como deveria ser, para mostrar e ensinar aos mais novos, aos visitantes, etc. são esses múltiplos sentidos e sentimentos que compõe o clima da festa (SCHROEDER, 2006, p. 66).

Toda a preparação dos rituais de nomes tribal feminino e masculino é discutida entre os mais velhos antes de ser oficializada. Isto porque dentro da etnia existe uma organização social interna, constituída na divisão de partido clânico (*dasiwawize*) que direta ou indiretamente estabelece normas para indivíduos no ato de exercer o direito de ganhar um nome. Este procedimento orienta também a escolha de parceira(o) para casamento segundo os procedimentos da tradição.

Aqui cabe uma breve descrição sobre o partido clânico. O clã representa identidade, direito individual ou coletivo e o respeito dentro dos costumes entre os membros das comunidades Xerente. A sua representação visual é feita através de pinturas corporais. Atualmente, existem seis clãs: *kuzâ*, *kbazi*, *krâiprehi*, *krozake krito* e *wahire*, dividido em duas metades cosmológicas: *Dohi* e *Wahire* (sol e lua).

Dessas separações clânicas inicia a estrutura política-organizacional Akwê-Xerente. Cada nome, seja feminino ou masculino, pertence a um clã. Portanto, nenhum membro ou indivíduo pode se apropriar do nome de outro partido. Quando esse ou

aquele não é do clã ao qual pertence, precisa fazer consulta antes para apreciação e posterior autorização do Conselho de anciões.

O nome das meninas, nesse sentido, é concedido por algumas regras, “a associação do pai sendo o fator decisivo” no ato da escolha (NIMUENDAJÚ, 1937, p. 53). Cada nome feminino possui um ritual específico, como danças e cantos, pois vários nomes tem sua origem em aves, pássaros, objetos e demais animais silvestres (NIMUENDAJÚ, 1937). Assim, “desde os primeiros dias, meninas duas a duas, sempre uma de cada metade, devidamente enfeitadas e acompanhadas de tias paternas (ĩ-tbê), são nomeadas pelos homens que se deslocam em fila pelo pátio, se postam em círculo e cantam o respectivo nome” (SCHROEDER, 2006, p. 68). Ao final de cada ritual de nomeação um ancião (*wawê*) se desloca ao centro do pátio (*warã*) da aldeia, e anuncia a próxima atividade do dia. Para atender às ordens do ancião, os mensageiros (*danõhuĩkwa*) entram em ação.

Os mensageiros são mestres de cerimônia, com destaques, durante todo o período da festa, pois toda a organização é feita por eles. Como Schroeder (2006) destaca:

Vão de casa em casa para anunciar o programa e convidar as pessoas; preparam os elementos da festa, como cortar as toras de buriti para as corridas, providenciam quem prepare as comidas rituais, organizam as pequenas competições, distribuem brindes. Afinal, garantem o bom andamento da festa (SCHROEDER, 2006, p. 68).

Quando se aproxima o encerramento do evento, os homens se retiram da aldeia e vão para um acampamento no mato. É o início da preparação para a nomeação masculina. Lá eles permanecem por dois ou três dias. A duração é decidida pelos anciões. Os homens só retornam para o pátio da aldeia na hora de celebrar a nomeação. Durante a permanência no acampamento, o grupo pratica os cantos de *kbuhuĩkwa* (cantos dos homens), que só podem ser cantados naquele ambiente. Sobre as atividades no acampamento, Schroeder (2006) descreve:

Na manhã do dia combinado, a festa se aproximando do seu ápice, os homens se concentram numa clareira da mata, próximo da aldeia. Ali os velhos tomam a palavra para longos discursos, quando podem enfatizar as tradições, lamentar rituais que já não praticam mais ou ainda descrever as performances mais acertadas (SCHROEDER, 2006, p. 73).

Os anciões ainda ensinam os cantos, discutem sobre a origem de nomes e combinam a hora da saída. Quando chega o dia do cerimonial, são convidadas duas

mulheres, madrinhas do ritual, e dois homens oficiantes, sendo um para anunciar e o outro para confirmar nomes. Eles são pintados e enfeitados com adereços. No ritual, a função das mulheres é auxiliar na confirmação de cada nome anunciado. Dezenas de guerreiros também pintam o rosto e as canelas com carvão e preparam bastões e colares de seda extraída de árvore.

À tarde, na hora combinada, os guerreiros se preparam para sair, em duas fileiras, uma de frente para a outra, fazem o ensaio final para o ritual, em seguida se deslocam com bastões empunhados e membros curvados, cada metade de um lado, simulando uma entrada furtiva no pátio da aldeia. Chegam ao centro da aldeia e se posicionam uma de frente para a outra e por três vezes simulam confronto emitindo urros. Todos os espaços e movimentos são orientados pelos mais velhos e respeitados entre os participantes. Depois da simulação de confronto, os guerreiros desfazem as filas, colocam os bastões e os colares amontoados no centro do pátio da aldeia, e aguardam o início da nomeação.

Os oficiais nominadores ficam a postos um de frente para outro, aguardando os anciãos apresentarem o menino que receberá o primeiro nome do repertório de nomes masculinos. De acordo com a tradição Akwê-Xerente, é sempre o nome *Sremtowê* que faz abertura de batizado dos homens, em sequência vem os demais nomes.

Nesta etapa, os casais anunciam ao oficial nominador (dakmâhrâkwa) o nome que o conduzido receberá; em seguida o dakmâhrâkwa sussurra ao ouvido do wawê. Nessa circulação sempre pública e coletiva do nome, o wawê em altíssimo e modo vibrato anuncia publicamente o nome designado e apenas aguarda a réplica do casal cerimonial com a fórmula estereotipada “ihê, ihê,ihê”, uma espécie de sanção adverbial do nome conferido ao nominado (REIS,2001, p.76).

Depois de concluído o cerimonial, os guerreiros retornam para o acampamento para receber o agrado, um banquete de comida típica da aldeia como beiju, farinha e carne moquecada, como forma de compensar a sua participação.

Na manhã seguinte, os homens se preparam para o ritual da última corrida com toras grandes (*ĩsitro*)¹⁰, o marco do encerramento da festa e bastante aguardado. São dois troncos de buriti, aproximadamente com dois metros de comprimento, ornamentados de acordo com os padrões pictóricos aplicados aos corpos dos corredores das duas metades cerimoniais: *htâmhã*, formada pelas associações tribais *Krêrekmô* e

¹⁰ Atualmente, a corrida com toras de buriti entre outras manifestações culturais indígenas tem se deslocado para apresentação em eventos urbanos, nas comemorações de datas especiais da região, nos Jogos dos Povos Indígenas, uma refuncionalização cultural que tem o objetivo de promover a cultura Xerente para outros povos indígenas e para sociedade não indígena.

Akemhã, e *steromkwa*, das associações *Krara* e *Anãrowa* (MÃRAWÊ, 2012, p. 69). Para buscar as toras, os corredores de mãos dadas, em círculo, fazem o ritual para pedir a proteção divina.

Dasipe e Jogos Mundiais Indígenas sob o olhar folkmediático

A festa tradicional de nomeação dos Xerente ganhou lugar especial na mídia quando a cidade de Palmas estava se preparando para sediar a primeira edição dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas, que aconteceu em outubro de 2015 e recebeu povos indígenas de 22 países e de 23 etnias do Brasil.

A série de reportagens integra uma produção maior que abordou a cultura dos povos indígenas do Tocantins participantes dos Jogos. A emissora dividiu cada reportagem sobre cada um dos povos participantes (e mais o povo Krahô, que não participou dos jogos) em quatro partes: No Bom dia TO, as histórias e curiosidades; No JA 1ª Edição, os costumes e rituais; no Globo Esporte, as modalidades esportivas e a preparação dos atletas; e no JA 2ª edição, como os povos vivem atualmente, seu cotidiano. O tempo total de exibição da reportagem é de aproximadamente 24 minutos e o especial sobre os Xerente foi o primeiro a ser exibido.

Na chamada da reportagem um indígena reforça: “Tudo isso você só vê aqui na TV Anhanguera”, assertiva que nos leva a já inferir a apropriação do discurso da cultura indígena tocantina pela mídia.

A primeira parte da reportagem sobre os Xerente faz abordagem sobre a história, a possível migração do nordeste em busca da água e a permanência dos Xerente na região central do Brasil, a convivência atual, harmônica, com os não indígenas, o contato com as novas tecnologias e a preservação da identidade cultural ao longo dos tempos, bem como os preparativos para a festa de nomeação. Também houve destaque para o esporte tradicional em contraste com o esporte não tradicional praticado, o futebol. A história abordada sobre os Xerente foi tratada superficialmente. A causa da migração parece ter só como único problema a “água”. Na narrativa da abertura do primeiro bloco do especial o repórter Beto Naves destaca:

Um povo caminhante, os Xerente chegaram no Tocantins, vindas das terras secas da região nordeste do Brasil. E aqui encontraram muita água. Atualmente o povo Xerente vive em harmonia com os homens brancos, estão em reservas no município de Tocantínia, a 70 km de Palmas e uma área com mais de 183 mil hectares. A aldeia Salto é maior da região (NAVES, 2015).

No telejornal JA 1ª Edição, a manchete da reportagem destaca a cerimônia do batismo dos homens do povo Xerente. A produção da reportagem valorizou a preparação do ritual de batizado e ainda fez uma breve introdução sobre a organização social e política Xerente. A festa de nomeação mostrada na reportagem aconteceu na aldeia Salto há poucos meses da realização do JMPI de 2015.

A reportagem logo na abertura mostra cenas do acampamento dos homens, onde fazem todos os preparativos para o ritual de nomeação masculina, com planos gerais e closes nas atividades preparatórias tradicionais. Como era o dia de preparação para o ritual de nomeação, o repórter Beto Naves foi convidado a receber um nome em Xerente e também se submeteu a passar pelos processos do ritual de preparação. Primeiro, a inclusão no partido clânico representado através da pintura, depois a escolha do nome Xerente e por último o batizado. Neste bloco, a reportagem destacou mais os preparativos para o ritual de batizado dos homens.

A edição do Globo Esporte local mostrou a dinâmica da cultura Xerente com ênfase nos esportes competitivos que seriam praticados nos Jogos Mundiais. O coordenador de esporte da aldeia Salto, Dorabel de Souza, afirma na reportagem que os Xerente tem buscado técnicas para competições esportivas em modalidades individuais e coletivas e acrescenta que em todas as edições dos jogos indígenas nacionais os Xerente participaram e competiram em todas as modalidades.

A reportagem exibida no JA 2ª Edição anunciou a realização dos Jogos Mundiais e a preparação dos participantes, ainda fez um breve histórico sobre o povo e a localização das Terras Indígenas Xerente e Funil e apresentou a forma de comando de uma liderança na aldeia e o contato com os não indígenas como causa da transformação dos costumes na comunidade. Em seguida, enfatizou as mudanças no cotidiano dessa comunidade, desde a presença de construções das casas de tijolos, de adobe e as tradicionais casas de palhas, o acesso e o uso das novas tecnologias pela comunidade e os indígenas com formação qualificada em diversas áreas, trabalhando com sua própria comunidade, todas na mesma aldeia. O repórter reforça: “Buscar informação foi a escolha [do Xerente] para se libertar”.

No seu depoimento para a reportagem, o cacique Valci Sinã afirma que “toda cultura ela é dinâmica” (*sic*), não só a cultura indígena, “mas toda a cultura está em movimento”. Com isso, a reportagem destacou que, mesmo com estas mudanças e integração com a sociedade envolvente, os Xerente nunca deixaram suas práticas

tradicionais. E na preservação do território, aponta alguns problemas que tem afetado a terra indígena, como os impactos ambientais.

A produção das reportagens contou com a utilização de vários recursos técnicos, explorando bem a gramática audiovisual. A abertura traz imagens de atletas indígenas praticando as modalidades esportivas dos jogos introduzidas por um pôr-do-sol. Nas reportagens, algumas imagens foram trabalhadas em preto e branco, ora valorizando plano aberto, ora plano americano, focando guerreiros em ações rituais, ora remetendo aos jogos, ora aos aspectos tradicionais, ora ao modo de vida atual, à inserção de celulares e da internet. A passagem do preto e branco para a imagem colorida parece dizer que a cultura indígena vive uma mistura do passado e do presente.

Destacamos ainda na análise que houve um apelo à relação antigo/novo, e a relação do indígena com o ambiente, as tradições e as novas realidades, mas sempre com narrativas ora em tom exótico ora muito recortado, como observamos no *off* do repórter Beto Naves, no bloco I da reportagem:

No dia seguinte começa a tradição do Padi, a festa do tamanduá. A natureza está sempre presente na vida Xerente. É lembrado de todas as maneiras com respeito e admiração. O esporte também faz parte da grande festa, as corridas, o cabo de guerra, o futebol e na corrida de tora. Em equipe eles carregam uma tora de buriti pesando mais de 400 kg, percorrendo mais de 2 km até o centro da aldeia. Os 250 anos de contato do povo Xerente com os não indígenas não afetaram sua identidade. Hoje a luta se resume na preservação da cultura, que agora sofre outro tipo de ameaça. As rápidas e intensas transformações sociais. A moto é meio de transporte mais utilizado. Rede de energia elétrica distribuída em todas as casas e antenas parabólicas há muito tempo não são mais novidades. Entre as casas de tijolos há quem ainda prefira as tradicionais de adobe, fabricados pelos próprios Xerente. A maioria conta com fossa e banheiro individual. Aparelhos de celulares estão presentes em todas as ocasiões, mesmo durante os rituais da tradição Xerente. Na hora da preparação do prato típico, o birarubu, a Xerente não quer perder nenhum detalhe, até o piriquitinho tá de olho. A antena com internet integrou o povo Xerente ao mundo, definitivamente (NAVES, 2015).

Sobre a narração do repórter, a divulgação das práticas esportivas praticadas durante a manifestação cultural muitas vezes foram tomadas como preparação e treinamento para os JMPI, com aplicação de técnicas para competição. Na verdade, essas práticas esportivas são consideradas como entretenimento e sociabilidade durante a realização da festa cultural. E apesar de os jogos de futebol já fazerem parte da realidade dos jovens Xerente, não é permitida sua prática durante o *Dasipe*. Este aprimoramento de técnicas não é comum entre os Xerente, com exceção da aldeia Salto. Entre as modalidades de competições tradicionais, a canoagem, citada por Dorabel, não é comum entre os Xerente.

A narrativa da história da disputa entre os homens com toras do tronco de buriti (*ĩsitro* -tora grande), apesar de ser uma disputa esportiva, foi apresentada a partir de suas características tradicionais e, a partir da observação participante, os Xerente conseguiram se identificar. Mas uma seleção de imagens com competições em jogos indígenas nacionais, mas de outras etnias, descaracterizou a tradição Akwê-Xerente, o que não foi bem visto.

Percebeu-se, a partir da pesquisa, que aspectos importantes da cultura Xerente foram percebidos, como a relação dos Xerente com o Rio Tocantins e aspectos da vida cotidiana, seus símbolos. Há destaque para o ancião Antônio Miró sentado na palha seca amarrando a cabeça com fita de buriti. Logo vem sonora do ancião Juraci Xerente, da aldeia Brejo Comprido, que fala da importância da fita de buriti amarrada na cabeça de um líder. Ele explica que representa a paz, a Cultura Xerente e é símbolo da liderança. O Dasípe, em especial o batizado dos homens, também foi visto com uma boa representação, porque mostrou todos os preparativos do ritual e a preparação dos oficiantes de cerimonial e atuação dos mesmos no ato do batizado.

Contudo, outros não tiveram o destaque é dado pelo povo Xerente gostaria, como o respeito à tradição e ao posicionamento social dos sujeitos, independente da inserção de hábitos novos nas aldeias, pois faz parte do cotidiano. Os jovens com quem conversamos afirmam que esperavam que fosse mostrado mais da cultura, da representação dos mais velhos (*wawê*) na organização social, cultural e política Akwê-Xerente, conforme analisa Maciel Xerente:

Outro aspecto que não agradou aos Xerente foi a negligência ao batizado feminino, que não foi enfocado. A corrida com toras das mulheres também foi suprimida. O jovem Xerente que estuda Pedagogia em Palmas fala que é preciso muito cuidado ao divulgar a cultura tradicional, devido aos sentidos recortados e descontextualizados.

Mas por outro lado, nós juventude precisamos ter muito cuidado em mostrar nossa cultura de forma, é de forma, é vamos dizer bagunçado, misturando com outras coisas (JOVEM XERENTE. Entrevista concedida em 22 de junho de 2016).

Nesse trecho vemos uma abordagem diferente do tom que se deu no decorrer da produção, de espanto. Mesmo diante de constante evolução, o Xerente demonstra resistência e procura preservar as tradições seculares. Assim, existiu em alguns momentos a valorização da cultura que por causa das cores, dos closes nos instrumentos

e nos anciãos, nas pinturas e rotinas da preparação da festa de nomeação. O jovem Xerente que entrevistamos analisa estas sequencias de informações:

houve muita repetição, isso ficou muito claro, né, mas achei outra parte também, boa, isso foi muito importante, a nomeação, as danças que foi mostrado, isso acontece na nossa cultura. [...] Isso precisa aparecer, a demonstração, da educação que entrou na nossa cultura também, isso é muito bonito a se mostrar, saúde também. Indígena trabalhando em diversas áreas, isso é muito bom, é muito importante (JOVEM XERENTE. Entrevista concedida em 22 de junho de 2016).

A fala do jovem mostra que o povo Xerente quer ter visibilidade junto às outras sociedades, para ver sua cultura valorizada e poder continuar com avanços na educação, na saúde, no trabalho e dar espaço para os povos indígenas também contribuir com estas sociedades. Mas sempre com foco central para os JMPI. Naves (2015) afirma: “eles estão preparados para representar o Tocantins nos Jogos Mundiais Indígenas. O evento marca uma nova era de harmonia entre indígena e homem branco. Desafio na missão de evoluir sem perder a identidade”. Contudo, o jovem Xerente faz uma crítica:

eu acho que a mídia não pode se sentir à vontade, livre pra fazer uma gravação, fazer uma reportagem é à vontade. Eu acho que uma vez que mostra uma cultura tem [que] mostrar com as pessoas que entendem e essas pessoas são anciãos e anciãs das aldeias (JOVEM XERENTE. Entrevista concedida em 22 de junho de 2016).

Assim, a reportagem evidencia a apropriação pela mídia da cultura indígena como forma de se posicionar como fomentadora do turismo cultural em um evento de caráter internacional, os Jogos Mundiais em Palmas. Na construção e distribuição de notícias, Batista (2015) afirma que “os telejornais contam histórias ou são formados de pequena delas”. E com isso, o elo entre as histórias contadas na obra analisada não ficou evidente.

Considerações Finais

Seguindo os princípios dos estudos em folkmídia, percebemos que a mídia se apropria da cultura indígena, com seus códigos e modos de produção, mas ao mesmo tempo a cultura indígena ganha espaço importante de visibilidade na sociedade não indígena.

O trabalho analisou material produzido pela equipe de reportagem da TV Anhanguera de Palmas–TO, que teve o Dasípe como uma das referências e como gancho o agendamento propiciado pela realização dos Jogos Mundiais dos Povos

Indígenas, em 2015. Mesmo sendo uma festa cujo seu principal objetivo na cultura Xerente é batizar as crianças com o nome indígena da etnia, a reportagem dá margem para a representação dos elementos que envolvem a manifestação como preparação e atração para os Jogos Mundiais, valorizando neste aspecto apenas alguns dos principais critérios de noticiabilidade do jornalismo envolvidos, a atualidade e a relevância, neste último em se tratando apenas da dimensão internacional e inédita dos Jogos. A nomeação é que dá a base e a sustentação para a realização da maior e mais importante manifestação cultural Akwê-Xerente.

De modo geral, o fato de a reportagem sobre o Dasîpe estar na editoria de esportes e ter tido como gancho os Jogos enfatizou um valor notícia específico, reforçando que a atualidade é um grande mediador daquilo que será notícia. Assim, a reportagem chama a atenção para as atividades dos jogos, passando a ideia de que tudo relacionado à festa era um treinamento para a competição.

A repetição como técnica de fixação de informações e a descontextualização propiciada pelo foco nos jogos levaram a passar a ideia errada de alguns aspectos da cultura Xerente, como o fato de os Xerente não terem como modalidade tradicional a canoagem ou a presença do futebol, que não integra as atividades da festa de nomeação.

Entre vários elementos que compõem a festa de nomeação, foram destacados na reportagem as atividades esportivas tradicionais e a nomeação masculina. A nomeação feminina, entretanto, carregada de representações importantes tanto individuais quanto coletivas, não teve tanto destaque.

É notório que os Jogos Mundiais foram um evento motivador para que a mídia explorasse as raízes dos povos indígenas para promover sua cultura, ainda presente e preservada na região. Alguns aspectos da produção audiovisual conseguiram transmitir um pouco da cultura Xerente. Houve destaques para as práticas esportivas como elemento integrador, para a relação do indígena com suas tradições e com o ambiente, para a riqueza de símbolos. Também pela presença de recursos tecnológicos nas aldeias e pela qualificação que os jovens indígenas vem tendo bem como da relação pacífica do Xerente com não indígenas. A apropriação da mídia se deu, por fim, com o discurso da fraternidade entre os povos como vitória do esporte (do Globo Esporte) e pelo papel da emissora na difusão dos jogos e das etnias tocantinenses.

Referências bibliográficas

BATISTA, Maiara Carvalho. *Metodologias para análise de telejornais: a busca por métodos adequados para analisar noticiários locais*. XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 2015. <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica>. Acesso em 25/11/2015

BARRETO, Luiz Antônio. **Folclore**. Invenção e Comunicação. Aracaju: Typografia Editorial/Scortecci Editora, 2005.

BENJAMIN, Roberto. **Folkcomunicação no contexto de massa**. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 2000.

_____. **Folkcomunicação na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore, 2004.

EURICH, Grazieli. *Web Brasil Indígena: etnomídia e afirmação da identidade*. Anais...VI Conferência Brasileira de Mídia Cidadã. I Conferência Sulamericana de Mídia Cidadã. Pato Branco, Paraná, 5 a 7 de agosto de 2010. Disponível em: <http://www.unicentro.br/redemc/2010/Artigos/Web%20Brasil%20Ind%C3%ADgena%20etnom%C3%ADdia%20e%20afirma%C3%A7%C3%A3o%20da%20identidade.pdf>. Acesso em 18/06/2017.

MELO, José Marques de. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da Folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.

REIS, Francisco Carlos Oliveira. **Aspectos do contato e formas socioculturais da sociedade Akwë-Xerente (jê)**. Dissertação de Mestrado (Antropologia Social). UnB. Brasília – DF. 2001.

SCHROEDER, Ivo. **Política e parentesco nos Xerente**. Tese (Doutorado) – Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Folkcomunicação & ativista midiático**. Paraíba: Editora Universitária da UFPB, 2008.